

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: BOROROS 79

Data: 06.08.83

Pg.: _____

Bororos vão discutir sua independência

Da correspondente em CUIABÁ

Até 1901, os índios bororos comiam peixe sem usar o sal, o óleo e outras invenções do homem branco. Oitenta anos depois, então "grudados a estas coisas" e todos os esforços para retomar sua cultura esbarram sempre no mesmo ponto: a Funai. Revoltada com esta situação de dependência criada ao longo dos anos, desde que foi contatada pela primeira vez, a nação bororo resolveu agora fazer um "estudo profundo" de sua evolução no contexto nacional, na tentativa de traçar um plano de emancipação.

Para discutir estas questões, os bororos vão reunir-se pela primeira vez de 15 a 20 deste mês e, além dos sete grupos que compõem a nação — meruri, jarudori, tadarimana, córrego grande, colônia, garças e perigara —, participarão do encontro convidados nhambiquaras, xavantes, parecis e avá-canoeiros.

A idéia do encontro e do debate sobre a emancipação partiu do cacique do grupo perigara, Vander Mariogaro, que considera ter a nação meios de sobreviver sem a interferência do governo: "A nação bororo não consente mais em ficar tutelada pela Funai" — explicou o cacique, que tem observado o comportamento da Fundação e da missão salesiana que atua na área. "Se o Cimi, por exemplo, consegue viver sem a ajuda da Funai, ajudando e orientando o índio, é sinal de que os bororos também podem viver sem estar debaixo de seus pés."

O cacique Henrique Alves Atroagari, do grupo tadarimana, acha que a Funai "de nada tem servido" a eles, pois estão sem assistência médica, agrícola e pecuária. Além disso, ele acusa os funcionários do órgão oficial de saírem da aldeia, quando são transferidos, muito ricos, com duas ou três fazendas. Todos os auxílios a que a Funai se propõe, e não vem dando, são dispensáveis para o jarudori José Luiz Kiaroeari. "Podemos ter pessoas formadas em mecânica, conhecedoras da parte agrícola e da pecuária. Não precisamos de médico branco, pois temos a nossa medicina. O professor, quando é bom e fala a verdade, vai para a rua."

Todas estas reclamações já foram apresentadas ao governo, mas, segundo Geraldo Oikure, foi inútil. "Não temos mais confiança na Funai, temos que batalhar para ter outro que ajude na defesa e melhore a situação precária do índio." Esta melhora, para eles, significa a sobrevivência das tribos e de sua cultura e, por isso, o cacique Henrique Alves faz questão de ressaltar: "A idéia da reunião é nossa. Não queremos que as pessoas façam o mesmo o que fazem com o Juruna. Toda vez que inventa alguma coisa em favor do índio, vem um e fala que a idéia foi do branco".